

MARCELINO MESQUITA

TEATRO COMPLETO

I



MMVI

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

821.134.3

HES, M, 1

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES

TEATRO COMPLETO

1

Teatro completo de Almeida Garrett

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

Teatro completo

27.7.09



Título: Teatro Completo
Vol. I

Autor: Marcelino Mesquita

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2006

ISBN: 972-27-1516-X

Depósito legal: 250 133/06

MARCELINO MESQUITA

TEATRO COMPLETO

I

Pesquisa, organização e introdução
de DUARTE IVO CRUZ

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

CARLOS — Posta aí? Oh! O Luís é um rapaz dos mais sérios princípios.

CONDE — Que idade tem?

CARLOS — Trinta anos, pouco mais ou menos.

CONDE — E sem uma mulher, no passado?

CARLOS — Ninguém lha conheceu.

CONDE — Não é fidalgo!

(*Entra Luís.*)

CENA II

CARLOS, CONDE e LUÍS

LUÍS — Meus senhores.

CARLOS — Sr. Luís de Sousa.

LUÍS — Sr. Carlos de Melo.

CARLOS — O Sr. Conde de Ul, meu amigo, que peço licença para lhe apresentar.

LUÍS — Tenho a maior honra em conhecer a V. Ex.^a A que devo a honra das suas visitas?

CONDE — Vimos, o Sr. Carlos de Melo e eu, por causa daquela pequena questão de ontem à noite no Sporting. Cremos que V. Ex.^a quererá honrar o nosso empenho conciliador, declarando sem intuito ofensivo a frase dirigida a D. João Manuel. O conflito foi insignificante e devido mais a um *qui pro quo* lamentável do que à menor falta de consideração por V. Ex.^a

LUÍS — E, no caso de eu reiterar o sentido ofensivo que dei à frase, ou à palavra, e que ela teve?

CARLOS — Nesse caso, V. Ex.^a compreende que a questão só poderia liquidar-se por um duelo, restar-nos-ia esperar dois dos seus amigos com quem regulássemos a pendência.

LUÍS — Dois amigos? A coisa parece-me difícil de resolver: nunca os tive.

CONDE — Dois conhecidos... ninguém recusará...

LUÍS — Acho desastroso. V. Ex.^{as} concordarão que o seja, encarregar da defesa da minha honra duas pessoas que nada se importem com ela. (*Pausa.*) Não se aflijam, porém, não será preciso recorrer a amigos, nem a conhecidos.

CONDE — Assim deve ser.

CARLOS — Não houve ofensa e...

LUÍS — Toda a desconsideração é uma ofensa. É outra a razão: não me bato.

CARLOS — Porque retira a frase?

LUÍS — Não: essa fica de pé, com todo o vigor da sua significação. O que digo, disse. Respondi a uma grosseria com um insulto. O insultado calou-se. Da sua carteira, em vez de um bilhete de visita, saiu uma nota de banco, para jogar à dama...

CONDE — Bom jogo... (*Consigo.*)

LUÍS — Será; mas ficámos quites. Quem cala consente.

CONDE — A resposta é positiva. Preferíamos levar a paz na conciliação.

LUÍS — Podem dar ao duelo a máxima gravidade? Bater-me-ei.

CONDE — O código regula o perigo pela afronta.

LUÍS — Revolta-me por isso tão grande aparato bélico para tão insignificante desastre.

CONDE — Não se bate?

LUÍS — Tive a honra já de o dizer a V. Ex.^a

CONDE — Aceita pois todas as consequências do facto?

LUÍS — Absolutamente.

CARLOS — V. Ex.^a é o único responsável das suas acções.

LUÍS — E o único juiz.

CONDE — Muita honra em conhecer a V. Ex.^a

CARLOS — Sr. Luís de Sousa.

LUÍS — Sr. Carlos de Melo.

(Toca o timbre, o criado conduz.)

CENA III

LUÍS, JOSÉ, D. ANA e ROSA

JOSÉ — Sr. Luís.

LUÍS — O que é?

JOSÉ — A mãe de V. Ex.^a mandou-me saber se V. Ex.^a estava.

LUÍS — Eu vou vê-la já.

JOSÉ — É que a senhora creio que deseja vir para esta sala. Vinha para aqui.

LUÍS — Eu venho num momento. Diz-lho. *(Sai.)*

ANA *(entrando)* — Está?

JOSÉ — Sim, minha senhora.

(A criada segue D. Ana, com almofadas, que ajeita no canapé.)

ROSA — Posso então dizer ao José que V. Ex.^a recebe?

ANA — Sim, podes.

ROSA — Tenha V. Ex.^a cuidado; não estará ainda fraca?

ANA — Não, não, sinto-me boa.

ROSA — Está bem assim? *(Apertando o banco dos pés:)* Mais perto?

ANA — Não; está bem, obrigada.

(Rosa sai.)

CENA IV

D. ANA e LUÍS

LUÍS — Como se sente, hoje?

ANA — Estou já bem.

LUÍS — Como a não vi ao almoço...

ANA — Mandriei. Pareceu-me fria a manhã. E tu?

LUÍS — Perfeitamente. Recebe?

ANA — Dei essa ordem há pouco. O que queres? é o que tens feito de mim, há um mês.

LUÍS — O quê, minha mãe?

ANA — O que vês: uma doente que nem pode ficar de cama.

LUÍS — E porquê?

ANA — Porque não receberia hoje as minhas visitas e o Sr. Luís não teria o prazer de estar com alguém...

LUÍS — Como é boa!

ANA — Lembro-me de tudo, como vês.

LUÍS — De que não se lembrará para me ser agradável! Obrigado. (*Beija-lhe as mãos.*)

ANA — É o nosso officio. E tu como vais com a tua nova vida de cortesão? Nada me dizes.

LUÍS — Nada tem de importante que mereça dizer-se. Saio de manhã cedo a cavallo. Almoço, leio ou escrevo um pouco até ao passeio antes de jantar. Depois de jantar, às vezes, uma hora ou duas até ao Grémio ou ao Sporting... nada mais sensaborão e metódico.

ANA — A propósito de Sporting, estiveste lá, ontem à noite?

LUÍS — Estive.

ANA — Que questão foi aquela de que os jornais falam, hoje? entre quem foi? questão de jogo?

LUÍS — Questão de palavras. Um mal-entendido.

ANA — Entre quem?

LUÍS — Entre D. João Manuel, que não conhece, talvez, e... mim!

ANA — Entre ti... Eu tinha-o adivinhado. Disse-mo o coração ao lê-lo. Mas, meu caro Luís, tu não sabes que se não pode viver assim, no mundo? Que tens de moderar o teu génio, aliás terás de sujeitar-te continuamente a conflitos...?

LUÍS — Que espécie de conflitos? não os receie, minha mãe.

ANA — A sociedade tem exigências de convívio que é preciso respeitar absolutamente.

LUÍS — Hipocrisias!

ANA — Como quiseres chamar-lhe; mas que não são menos atendíveis, e sem as quais é impossível viver sossegadamente, no meio de hoje.

LUÍS — Quer obrigar-me a não ouvir uma inconveniência?

ANA — De modo algum.

LUÍS — Sou bastante altivo para desprezar costumes e usos, modos de ver e de pensar que me repugnem; mas o que não tolero, sem protesto, é forçarem-me a adoptá-los. Como faço, quero que obrem para comigo, e, como não sei nem quero saber as fórmulas hipócritas de uma cortesia convencional, tenho apenas uma linguagem, aquela com que fui criado a ouvir e que espero não esquecer.

ANA — Adoro-te assim, meu Luís; mas há pequenas transigências que em nada nos melindra o fazê-las e pode incomodar-nos o rejeitá-las. Incomodar-nos profundamente: o mundo é tão mau!

LUÍS — Parece estar imaginando, minha mãe, que quero que me tratem como a grande senhor, que se curvem à minha passagem...

ANA — Não tanto...

LUÍS — Parece, e afinal eu exijo simplesmente aquilo que todo o homem tem o direito e o dever de exigir — que me respeitem: nada menos, nada mais.